

Brasil

Diplomacia Presidente FHC terminou sua viagem ao Uruguai criticando a miopia dos mercados financeiros

Países são vítimas de "ficção financeira"

Sergio Leo
De Montevidéo

Os governos, como o do Brasil, afetados por crises de confiança e retração dos investimentos externos não têm "o que fazer", porque são vítimas de uma "ficção financeira", afirmou o presidente Fernando Henrique Cardoso, ao terminar, ontem, sua viagem de dois dias ao Uruguai. Para Fernando Henrique, o maior problema do Brasil e outros países em crise não é sua situação econômica real, mas a "surpreendente discrepância entre a miopia dos mercados financeiros e os avanços da realidade da economia".

"Quem controla a política econômica tem poucos recursos para manejar essa crise, porque não há o que fazer", desabafou, citando dados positivos da economia e acusando os mercados de padecerem de "dissonância cognitiva", ao desdenharem desses sinais e provocarem crises com medidas como a contração do crédito externo.

"As pessoas não percebem o que está se passando, há, efetivamente, defasagem entre o que se passa e o que se informa e se percebe que está passando", descreveu. "Começam a falar em moratória, quando ninguém pensou nisso, a situação não leva a isso", queixou-se.

Em mais de uma ocasião na visita ao Uruguai, Fernando Henrique apontou, como possível solução, a proposta do financista e especulador George Soros, de que os Bancos Centrais dos países mais ricos (reunidos no chamado G-7) dêem garantia para os títulos dos países em dificuldades, comprando-os e refinanciando-os por uma taxa de juros menor. "Esses bancos podem dar liquidez aos títulos de países afetados pela crise", sugeriu o presidente.

"Claro que haverá resistências de contribuintes desses países (do G-7), por que colocar dinheiro para salvar outros de dificuldades, mas é uma idéia na direção correta, de reorganização da estrutura financeira internacional".

Na análise do presidente, o FMI e instituições como o Banco Mundial são "pequenas, sem agilidade e capacidade técnica para fazer frente aos fluxos de investimento", de trilhões de dólares. Além disso, avalia, ao contrário das crises econômicas anteriores, provocadas por desequilíbrios entre a capacidade produtiva das economias e o consumo das populações, a crise atual é marcada por mecanismos puramente especulativos.

"Os mercados financeiros, por percepções equivocadas, antecipam dificuldades e freiam os processos de financiamento, induzindo à crise", descreveu, em palestra à Associação de Dirigentes de Marketing do Uruguai. "É a percepção da economia que está em crise", definiu, argumentando que não há um problema real, de excesso de gastos, ou de consumo, a ser enfrentado com políticas fiscais ou monetárias. "Ao contrário, dizem que nossos juros são os mais altos do mundo".

Contra os temores de moratória, Fernando Henrique lembrou que as reservas do país estão em US\$ 38 bilhões, ou US\$ 23 bilhões segundo o conceito mais restrito, de reservas líquidas; comentou que a dívida pública externa caiu, de US\$ 94 bilhões em 1999, para US\$ 92 bilhões em 2002, e que a emissão de bônus do governo no mercado externo foi superior aos compromissos do país. "De onde vem a angústia? Da cabeça, da imaginação das pessoas, das expectativas".

Mais enfático sobre a falta de razões reais para a crise no discurso aos dirigentes de marketing, o presidente, mi-

nutos depois, já admitia, em entrevista a jornalistas, que os países também têm parcela de responsabilidade: "essa crise atual se dá no plano quase exclusivo da crise financeira; não é totalmente sem ligação com a economia real, mas é menor", defendeu. Entre a palestra dos dirigentes e a entrevista, respondeu a empresários, que lhe perguntaram por que a crise é tão forte no Cone Sul, se a situação econômica estava tão boa. O presidente admitiu que a história dos países da região, com moratórias de dívida e crises anteriores, colaborava para alimentar os temores do mercado.

No esforço para mostrar pontos positivos, o presidente citou até a negociação entre a CSN e a multinacional Corus, antecipando-se às conclusões do Cade, que investiga se o negócio, anunciado como fusão de companhias, não seria na verdade uma compra da empresa brasileira: "é uma fusão, na condição em que a empresa brasileira é majoritária".

Fernando Henrique citou o superávit de US\$ 4,4 bilhões da balança comercial; a supersafra de grãos, as novas reservas descobertas pela Petrobrás, a expansão da rede telefônica e o aumento de usuários da Internet. "Com tudo isso, o risco Brasil aumentou, e passou os dois mil pontos, maior que o de países da África", concluiu. "Guarda relação com a realidade? Se guarda, acho que perdi a razão", disse.

"Os sinais do crescimento da economia estão normais, não é um organismo totalmente hígido, mas não é doente", comentou. "E, não obstante, do ponto de vista financeiro, existem problemas porque existe a percepção de que haveria dificuldade do pagamento, da rolagem das dívidas, que não há, e passa a haver, na medida em que essa percepção das dificuldades são profecias que se auto-realizam".

Mais comércio exterior na página A5